

A ESCOLHIDA: A LITERATURA, A SOCIEDADE E O FEMININO

Alessandra Leles Rocha ¹
alessandrarelelesrocha@hotmail.com

RESUMO

As mulheres vêm buscando ao longo dos séculos o seu espaço, a sua identidade, a sua afirmação protagonista para a consolidação das suas habilidades e competências dentro da sociedade. Isso inclui contemplar o relevante papel feminino no âmbito da literatura e demais formas de arte e cultura, na medida em que as linguagens medeiam às relações sociais, permitindo a inserção humana neste ou naquele lugar social. Desse modo, a literatura vem ressignificando cada vez mais a representação do feminino, inclusive no contexto da literatura distópica; de maneira que são estabelecidos elementos necessários para compreender as dificuldades as quais os indivíduos - especialmente as mulheres - incluídos socialmente ou não vivenciam os desafios e obstáculos impostos pelas instituições. Mediante tais possibilidades de análise e interpretação, esse artigo propôs tecer uma breve reflexão entre o conto *The Girl Who Can*, da escritora ganesa *Ama Ata Aidoo* e o livro *Gathering blue (A Escolhida)*, da escritora norte-americana *Lois Lowry*, ofertando ao leitor um novo viés de análise, o qual significa fazê-lo romper com o modo convencional de enxergar a vida e dispensar a atenção especial diante das funções e valores existentes nas entrelinhas. **Palavras-chave:** literatura; sociedade; feminino; distopia.

246

1. INTRODUÇÃO

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU), de 2010, revelaram que “há aproximadamente 57 milhões de homens a mais do que mulheres em todo o mundo” (WANDSCHEER, 2010). Entretanto, elas permanecem em seu inquestionável processo de busca pela inclusão, aceitação social e conquista de espaços.

Segundo Moraes (2012),

a inserção da mulher no mercado de trabalho, historicamente, ganhou legitimidade no momento em que a situação econômica das famílias não permite ao homem sustentar sozinho a casa. Por essa razão, discussões a respeito das condições de trabalho do proletariado feminino (operárias, costureiras) só adquiriram intensidade junto aos movimentos feministas à medida mesmo em que as transformações sociais e os acontecimentos políticos, como a primeira guerra mundial, forçaram a entrada cada vez maior das mulheres no mundo público (RAGO: 1995- 6, p. 22). (MORAES, 2012, p.259-260).

¹ Mestre em Geografia, Graduada em Letras e em Ciências Biológicas.

Isso inclui contemplar o relevante papel feminino no âmbito da literatura e demais formas de arte e cultura, na medida em que as linguagens medeiam às relações sociais, permitindo a inserção humana neste ou naquele lugar social. Segundo explicam Coelho e Mesquita (2013),

A cultura é um processo contínuo em que se acumulam conhecimentos e também práticas que resultam da interação social entre indivíduos. Esse processo é mediado pela língua, que permite que a cultura seja transmitida e difundida entre as gerações, daí compreendermos que a cultura de um povo constitui-se como um todo que é realizado por cada indivíduo, afinal, cada um é uma peça importante na construção cultural, uma vez que é portador, disseminador, mas também criador de cultura. O homem é, portanto, um ser cultural e é a cultura que o permite adaptar-se aos diferentes ambientes. (COELHO; MESQUITA, 2013, p.27)

Sendo, então, resultado de uma coletividade, a cultura é modificada e acrescida continuamente. Nesse processo Coelho e Mesquita (2013) defendem, então, a inconstância da identidade e seu contínuo processo de construção, que permite aos indivíduos estabelecerem um vasto conjunto de identificações e, como fundamentação, citam Bauman (2005, p.17-18),

o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade. (BAUMAN, 2005, p. 17-18, grifos do autor apud COELHO; MESQUITA, 2013, p.30)

Desse modo, a mulher vem buscando ao longo dos séculos o seu espaço, a sua identidade, a sua afirmação protagonista para a consolidação das suas habilidades e competências dentro da sociedade. No campo literário tudo isso se torna mais visível, na medida em que, conforme propõe Schwants (2006),

acompanhando a evidência linguística de que as línguas criam as palavras necessárias para expressar o que não existia antes, creio que a linguagem, nosso espaço de existência, pode ser moldada para expressar uma experiência inexistente previamente, ou recusada. Aliás, creio mesmo que criar esse espaço de expressão é tarefa de mulheres e homens engajados na construção de um mundo mais igualitário, em questões de gênero inclusive. (SCHWANTS, 2006, p.8)

Assim, a literatura vem ressignificando cada vez mais à representação do feminino, inclusive no contexto da literatura distópica¹; de maneira que são estabelecidos elementos

¹ Refere-se a um futuro imaginado (um mundo paralelo) no qual o totalitarismo ou o autoritarismo se desenvolvem para o opressivo controle da sociedade, de modo que projetam o modo como os dilemas morais da sociedade atual figurariam no futuro e os riscos da estupidez coletiva.

necessários para compreender as dificuldades as quais os indivíduos - especialmente as mulheres – incluídos socialmente ou não vivenciam os desafios e obstáculos impostos pelas instituições.

Mediante tais possibilidades de análise e interpretação, esse artigo propõe tecer uma breve reflexão entre o conto *The Girl Who Can*, da escritora ganesa *Ama Ata Aidoo* e o livro *Gathering blue* (A Escolhida), da escritora norte-americana *Lois Lowry*.

2. THE GIRL WHO CAN

Nascida em 23 de março de 1942, em *Abeadzi Kyiakor*, Gana², *Christina Ama Ata Aidoo*, ou apenas *Ama Ata Aidoo* é uma importante escritora no campo da literatura pós-colonialista de língua inglesa, cujo trabalho literário enfatiza “a posição paradoxal da mulher africana moderna” (ENCICLOPEDIA BRITANNICA, [199-], não paginado).

Em seu livro *The Girl Who Can: and other stories*, publicado pela primeira vez em 1969, o conto homônimo (*The Girl Who Can*) é a história da pequena *Adjoa*, a protagonista, que é habitante de uma vila na região central de Gana, narra a sua história, a partir da relação familiar centrada no feminino, ou seja, ela, a mãe (*Maami*) e a avó materna (*Nana*).

Nesse contexto, são apresentados ao leitor os desafios enfrentados pelas mulheres naquele lugar sob a ótica das relações interculturais e identitárias que desafiam as tradições do patriarcado³ dominante nas sociedades africanas, ainda nos dias atuais.

A autora constrói uma história “infantil” sobre amor, casamento, relacionamentos, deficiência, superação e inclusão que passa pelos caminhos da subjetividade.

Ela destaca o silêncio exigido ao discurso feminino, iniciado ainda na infância, sob o risco das meninas não serem ouvidas ou de se transformarem em razão de riso e chacota pelos demais adultos. Como no trecho, “*Adjoa*, you say what?’ After I have repeated whatever I had said, she would either, still in that voice, ask me ‘never, never, but NEVER to repeat THAT’, or she would immediately burst out laughing” (AIDOO, 2003, p.11).

Quanto à abordagem em relação à deficiência como um impedimento para a

² Um país da África ocidental, limitado a norte pelo Burkina Faso, a leste pelo Togo, a sul pelo Golfo da Guiné e a oeste pela Costa do Marfim.

³ Pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiar. É uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que nas diferenças biológicas entre homens e mulheres (MILLET, 2000).

“predestinação das mulheres” ao casamento e a procriação, as considerações se exemplificam pela fala da personagem *Nana*:

Nana: “As I keep saying, if any woman decides to come into this world with all of her two legs, then she could select legs that have meat on them: with good calves. Because you are sure such legs would support solid hips. And a woman must have solid hips to be able to have children”. (AIDOO, 2003, p.13)

De modo que a dificuldade em lidar com as diferenças, inclusive uma deficiência, em razão das imposições sociais, é expressa no seguinte trecho da história:

“What kind of legs?” And always at that point, I knew from her voice that my mother was weeping inside. Nana never heard such inside weeping. Not that it would have stopped Nana even if she had heard it. Which always surprised me. Because, about almost everything else apart from my legs, Nana is such a good grown-up. (AIDOO, 2003, p.13)

Portanto, frente ao que foi discutido anteriormente, o papel da escola como um caminho, uma possibilidade de reinserção social, vai apontar para uma divergência de perspectivas entre *Maami* e *Nana*, conforme descreve *Adjoa*:

School is another thing Nana and my mother discussed often and appeared to have different ideas about. Nana thought it would be a waste of time. I never understood what she meant. My mother seemed to know – and disagreed. She kept telling Nana that she was locked into some kind of darkness because she didn’t go to school. So that if I, her daughter, could learn to write and read my own name and a little besides – perhaps be able to calculate some things on paper – that would be good. I could always marry later and maybe... Nana would just laugh. “Ah, maybe with legs like hers, she might as well go to school”. (AIDOO, 2003, p.13)

Assim, ao abstrair o contexto geográfico da história, é possível verificar que essa narrativa expõe pelos diversos aspectos descritos as dúvidas e os anseios de milhares de outras meninas mundo afora.

As questões que a personagem discute, de maneira tão singela e pueril, são reflexos identitários, elementos culturais passados de geração a geração, que poderiam corresponder a qualquer lugar, em maior ou menor escala.

3. GATHERING BLUE (A ESCOLHIDA)

Nascida em Honolulu, Havaí, em 1937, aos 80 anos, *Lois Lowry* divide seu tempo entre sua casa em Cambridge, Massachusetts e sua fazenda do século XIX em New Hampshire. Sempre dedicada a discutir as relações humanas, o que possibilita o trânsito da sua literatura pelo gênero da utopia e da distopia, Lowry retoma o ambiente futurista de *The Giver (O Doador de Memórias)*, publicada em 1993, com a obra *Gathering blue (A Escolhida)*, publicada em 2000.

Em *A Escolhida* a personagem principal é *Kira*, uma menina que fica órfã de mãe e,

pelo fato de ter nascido com uma perna torta, vive todas as expectativas da sua sobrevivência em uma sociedade, onde as pessoas que não podem trabalhar são banidas para a morte.

Ninguém desejaria Kira. Ninguém jamais havia desejado, a não ser sua mãe. Katrina contara várias vezes a Kira a história do seu parto – o nascimento de uma menina sem pai e com uma perna torta – e de como lutara para mantê-la viva.

– Eles vieram buscar você – sussurrou a mãe para ela certa noite, no casebre onde moravam, com o fogo bem alimentado e brilhante. – Você tinha um dia de idade, ainda nem havia recebido o nome infantil de uma sílaba só...

- Kir.

- Isso mesmo: Kir. Eles me trouxeram comida e pretendiam levá-la embora para o Campo... (Lowry, 2014, p.7-8)

Embora permaneça mantendo o cuidado na escolha do léxico e no modo como é empregado, como formas de garantir a facilidade de construção das ideias distópicas, em *A Escolhida*, a reflexão proposta por *Lois Lowry* se aproxima do grau de pessoalidade, concentrando-se no papel da mulher na sociedade, especialmente quando se trata de alguém com deficiência, “[...] Não há lugar para esta garota inútil. Ela não pode se casar. Ninguém vai querer uma aleijada. Ela é um desperdício de espaço e de comida [...]” (LOWRY, 2014, p.40),

Considerando as palavras de Hilário (2013) de que

A literatura não é vista como reflexo mecânico da sociedade, mas sim como um modo de experienciar determinado contexto social, ao mesmo tempo dele fazendo parte como também o construindo: “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela” (ADORNO, 2003, p. 66). (HILÁRIO, 2013, p.203)

É possível, então, perceber como o resgate da história das mulheres no contexto literário, reivindicando a sua condição de sujeito histórico-social, contribui na desconstrução dos mitos da “inferioridade natural”. Segundo Silva et al. (2015),

gênero é categoria relacional, construída nas relações sociais e também categoria de análise que ultrapassa os limites da família, da reprodução humana e da vida doméstica. A partir dessa categoria, é possível pesquisar sistemas sociais, econômicos, políticos; mercado de trabalho, educação, entre outros assuntos. Portanto, gênero é “um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em mulheres em múltiplas arenas de luta” (HARAWAY, 2004, p. 211). (SILVA et al., 2015, p.150)

No entanto, na construção de elementos desfavoráveis à personagem *Kira*, constituído tanto de pessoas rudes quanto das pessoas responsáveis pelo controle daquela sociedade – O Conselho dos Guardiões –, a autora desenvolve na personagem um nível de conhecimento capaz de exaltar lhe singulares habilidades e competências.

No dia seguinte, se a decisão do Conselho fosse favorável a ela, Kira iria procurar o tipo de madeira de que precisava: pedaços curtos e lisos cujas pontas pudesse encaixar umas às outras. Já planejava construir um novo quadro de tear. Kira sempre tinha sido habilidosa com as mãos. (LOWRY, 2014, p.21)

Assim, *Lowry* contribui para uma reflexão sobre o feminino, geralmente idealizado como um universo de sentimentos, intuições, subserviência e inaptidão, de modo que, a deficiência física seja para *Kira* um fator determinante capaz de excluí-la daquela sociedade.

É importante destacar que sob o aspecto da exclusão social, *Kira* não é a única personagem e, nem tampouco a sua deficiência e o seu gênero as únicas razões. Na verdade, a partir do olhar lançado sobre ela, a autora torna visíveis os excluídos naquela sociedade. Como mostram os seguintes trechos:

Do outro lado do córrego, além dos arbustos venenosos de espirradeira que eram tão perigosos para os pequenos, ficava a região conhecida como Brejo. Em certos aspectos, era parecido com o lugar que Kira antes chamava de lar: os barracos pequenos, próximos uns dos outros; o choro incessante das crianças; o mau cheiro da fumaça das fogueiras, de comida em decomposição e de pessoas sem banho. Porém, era mais escuro ali, graças à cobertura cerrada da copa das árvores, e o ar era contaminado pela umidade e pelo fedor das doenças. (LOWRY, 2014, p.140)

Enquanto eles andavam, um silêncio ameaçador pairava no ar. Kira notou que estavam sendo observados por algumas mulheres desconfiadas, paradas à porta de suas casas. Kira seguia mancando, tentando contornar as poças cheias de lixo no caminho, sentindo a hostilidade dos olhares. Ela sabia que não fazia sentido andar sem destino por aquele lugar desconhecido, hostil. [...] não parecia haver homens ali. Ela se deu conta de que eram quase todos apanhadores ou coveiros e estariam trabalhando. Sentiu-se aliviada, lembrando como eles a haviam agarrado durante os preparos para a caçada. (LOWRY, 2014, p.141)

Mas, apesar da rudeza dessas pessoas, a autora vai tecer uma rede de solidariedade para *Kira* com personagens como, o *Matt*. Segundo o narrador ele era:

Uma criança mais velha, um menino de rosto sujo de 8 ou 9 anos, ainda jovem demais para a puberdade e o nome de duas sílabas que receberia, a encarou. Ele estava ocupado arrancando a vegetação rasteira e juntando feixes de galhos para uma fogueira. Kira sorriu. Era *Matt*, que sempre tinha sido seu amigo. Ele vivia no Brejo, um lugar pantanoso e desagradável, talvez filho de um apanhador ou coveiro. Mas andava livremente pelo vilarejo com os colegas desordeiros, sempre guiado pelo cão. Estava sempre parando, como agora, para fazer alguma tarefa ou pequeno serviço em troca de algumas moedas ou um doce. (LOWRY, 2014, p.11)

Na verdade, a ideia de exclusão dentro da sociedade distópica apresentada por *Lowry*, em *A Escolhida* apresenta a proposta da aceitação social oriunda da capacidade de contribuir de forma efetivamente produtiva, dentro de rígidos padrões de controle social.

Isso significa que o *controle idealizado por essa “sociedade perfeita” está no argumento do medo, que pode ser explicado como um processo de alienação e subordinação daqueles*

indivíduos.

O que se verifica, por exemplo, em “–Não, não foram as feras – negou o homem, respondendo à sua primeira pergunta. –Foram homens. Não há nenhuma fera lá fora. Sua voz soava tão segura quanto a de Annabella. Não tem fera nenhuma.” (LOWRY, 2014, p.176).

4. A LITERATURA E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE E O FEMININO

252

Ao contrário de perceber o indivíduo humano na sua essência de valores, princípios e aspirações, a sociedade esteve sempre presa aos ditames das questões de gênero, os quais repercutem ainda hoje nas relações de trabalho, de poder e no sexismo⁴.

Ao longo da história, as mulheres foram apresentadas na forma de sujeitos oprimidos, que por conta da sua incompletude existencial poderiam inclusive ser colocadas à margem da sociedade, esquecendo-se de considerar quaisquer interesses, tensões e contradições que se estabeleciam em diferentes épocas, tempos e grupos sociais.

Isso significa que elas eram impedidas de serem sujeito de sua própria história; então, até o século XIX eram seres invisíveis no cenário social, na medida da sua marginalização e na compreensão como seres incompletos, incapazes e frágeis. Seus direitos, suas aspirações e suas realizações não mereciam importância.

Eram, portanto, educadas sob princípios religiosos e domésticos. Sua educação destinava-se ao casamento; neste caso, independente da classe social a que pertenciam. As mais ricas teriam acesso a criados e serviçais, restringindo-se a administração da rotina doméstica e aos compromissos sociais; as mais pobres teriam que se desdobrar na realização de todos os serviços e cuidados do lar.

Nesse contexto satisfaziam plenamente aos anseios da sociedade que esperava delas, como a sua mais importante prioridade, a manutenção do casamento, ou seja, a única fórmula de garantir-lhes visibilidade, dignificação e reconhecimento social.

E, apesar das sociedades patriarcais permanecerem como o modelo vigente ao longo do tempo, a Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, a divisão social dos papéis, para os homens e as mulheres, começa se redefinir, sobretudo entre as camadas populares, por conta do trabalho fabril. Segundo Bottini e Batista (2013),

A mulher também foi obrigada a encarar o trabalho fabril, pois os salários dos trabalhadores masculinos, que eram considerados chefes de família, foram

⁴ É o preconceito ou discriminação baseada no sexo ou gênero de uma pessoa.

profundamente achatados e não garantiam mais a subsistência familiar. Isto mudou radicalmente a vida das mulheres, já que elas passaram a executar dupla jornada de trabalho. No âmbito doméstico continuaram a cumprir com as funções de reprodução e, na fábrica passaram a desenvolver as atividades precarizadas em funções multitarefas. As mulheres, assim como os homens operários, eram condenadas ao trabalho em razão das necessidades impostas pela subsistência. (BOTTINI; BATISTA, 2013, p. 4)

Ainda que de maneira subalterna, a industrialização promoveu a incorporação do trabalho feminino, promovendo uma ruptura entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado fora do lar. Lembrando que, o trabalho feminino era sub-remunerado em relação ao masculino.

De modo que a chegada do século XX lhes deu a possibilidade de redefinição do seu lugar social, ou seja, “As trabalhadoras pobres - operárias, costureiras, floristas, garçonetes – começaram a ser observadas nas ruas da cidade ao lado das mais ricas por memorialistas, viajantes, literatos, jornalistas e médicos.” (DEL PRIORE, 2006, p.586).

Como consequência, no campo literário essas transformações tornaram-se importante fomento para dar voz às mulheres. Muito embora, em razão do longo tempo na obscuridade social que as impregnava de inferioridade e subserviência diante de homens, os quais estavam incumbidos de construir as imagens do feminino, o processo de elaboração da sua verdadeira identidade literária demandará ainda significativos esforços para se consolidar.

Segundo Sousa e Dias (2013),

(...) grandes nomes se insurgiram para escrever e fundamentar uma tradição literária feminina, que se consolidou nos séculos XIX e XX. As reflexões de Woolf (2004) constataam que a mulher, naquele início de século XX, já estava usando a literatura como uma arte, e não apenas como método de expressão pessoal, como em muitos casos no passado. Em vista disso, Woolf conclui que ainda seria necessário que as mulheres saltassem grandes obstáculos, ignorando os olhares masculinos. A autora afirma que as grandes mentes não pensam especialmente ou separadamente do sexo: elas são andróginas, como era andrógina a mente de Shakespeare. Desta forma, defender a necessidade do (a) autor (a) ser masculinamente feminino e femininamente masculino, para que a arte se realize e comunique experiências com integridade. As feministas da chamada primeira onda do feminismo, a exemplo de Woolf (2004), estavam preocupadas com questões materiais, com o exame cuidadoso das relações de gênero na representação de personagens femininas, com a falta de poder e condições das mulheres. (SOUSA; DIAS, 2013, p. 58-59)

Os anseios femininos deram voz a um movimento de cunho literário e filosófico buscando a renovação da sociedade, evitando a reprodução e a perpetuação dos ideais disseminados pelo patriarcado.

Nesse aspecto, percebe-se então que a semelhança no discurso entre o conto *The Girl who can*, da escritora ganesa *Ama Ata Aidoo* e o livro *Gathering blue* (A Escolhida), da escritora norte-americana *Lois Lowry*, não é por acaso.

Enquanto *Ama Ata Aidoo* desenvolve a sua literatura nas bases do pós- colonialismo, ou

seja,

aquela que veio com o império, para dissecar a relação colonial e, de alguma maneira, resistir às perspectivas colonialistas; mostrando as marcas profundas da exclusão e da dicotomia cultural durante o domínio imperial, as transformações operadas pelo domínio cultural europeu e os conflitos delas decorrentes. (BONNICI, 1998)

Lowry escreve suas obras com base na realidade contemporânea no viés da literatura distópica, ou seja,

o gênero literário conhecido como *distopia* nos fornece elementos para pensar criticamente a contemporaneidade, sobretudo com relação à segunda metade do século XX e início do século XXI. O *romance distópico* pode então ser compreendido enquanto *aviso de incêndio*, o qual, como todo recurso de emergência, busca chamar a atenção para que o acontecimento perigoso seja controlado, e seus efeitos, embora já em curso, sejam inibidos. (HILÁRIO, 2013, p.202)

No entanto, o que torna relevante essa análise de ambos os recortes temporais é a confirmação de que tais contextos ainda não superaram os obstáculos sociais de afirmação da identidade feminina; sobretudo, no que diz respeito ao casamento. A ideia de que uma mulher não teria perspectivas de dignidade, sobrevivência e sucesso, sem constituir matrimônio, resiste tanto no imaginário quanto no discurso atual, em diferentes lugares do mundo.

Segundo Swain (2001),

Assim, seja no rumor das conversas que fundamentam o senso comum, na literatura, no discurso científico, ou em tudo que é impresso ou falado, podemos encontrar representações sociais que instituem o mundo em suas clivagens valorativas, nos recortes significativos que definem as categorias de percepção, análise e definição do social. (SWAIN, 2001, p. 68)

Qualquer elemento, portanto, que possa impedir ou atrapalhar essa realização é usado como um critério de exclusão social; daí, a presença em ambos os textos da deficiência física como um grave obstáculo para as mulheres. Segundo Trindade (2004),

Os conceitos que geralmente permeiam o imaginário de uma determinada comunidade ou grupo são os da dicotomia: perfeição/imperfeição, deficiência/eficiência, desvio/norma padrão. O conceito da deficiência construído historicamente tem sido: a diferença pautada na comparação do ideal estético, do previsível, do conhecido. A diferença ou a falta de semelhança ameaçam a ordem estabelecida, e põem em risco as crenças, os valores e os conceitos subjetivados e objetivados no outro. Esse confronto com o desconhecido, com a diferença na maneira de ser, pensar, viver, agir e produzir, pode provocar, no cotidiano das pessoas com deficiências, diferentes reações de suas famílias, do contexto escolar e comunitário. Essas posturas ou atitudes vão desde o fenômeno de paralisação, alienação, negação, resistência, ruptura até a acolhida e busca de alternativas para a convivência com a diferença. (TRINDADE, 2004, p. 6-7).

Esse entendimento, então, sustenta a ideia do senso comum de que uma deficiência para a mulher só reafirmaria o estereótipo da inferioridade física e social, da incapacidade intelectual e da passividade feminina.

Desse modo, a dificuldade em lidar com a questão da deficiência tanto pelo deficiente como pela família e pela sociedade traz à tona a discussão sobre a tendência natural do ser humano em torno da idealização.

Quando o ideal não é satisfeito há uma frustração de dimensões inimagináveis, o que de acordo com Guerra et al (2015) é explicado como,

Os pais, ao serem notificados sobre o nascimento de uma criança com uma síndrome ou um possível atraso no desenvolvimento, enfrentam períodos difíceis, especialmente no que tange às interações com os seus filhos, devido a fatores emocionais.⁴ Configura-se em uma perda do filho perfeito, na violação de expectativas positivas, gerando frustrações, comparadas e vivenciadas por algumas famílias como uma experiência de luto.² (GUERRA et al, 2015, p.462)

Entretanto, esse comportamento apesar de explicado do ponto de vista da ciência, se constitui uma forma de violência. Segundo o Relatório da *International Network of Women with Disabilities* (INWWD) ⁵, em 2011,

Um fator por trás da crescente incidência de violência contra pessoas com deficiência é o estigma associado com a deficiência. Pessoas com deficiência são, com frequência, consideradas pela sociedade como sendo “não completamente humanas e de menos valor. (...) A ausência de representações de sua identidade favorece a percepção de que se pode abusar delas sem remorso ou peso na consciência” (IGLESIAS, 2004). (INWWD, 2011, p.3)

Portanto, essa é importância do discurso literário. Segundo Antônio Candido, na obra **A literatura e a formação do homem** (1972), a principal função da literatura diz respeito a esse caráter humanizador, o qual significa expressar o ser humano, mas também, agir na sua formação. Ideia que Brito (2010) também compartilha:

é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. (BRITO, 2010, p.1-2)

Nessa breve reflexão entre o conto *The Girl Who Can*, da escritora ganesa *Ama Ata Aidoo* e o livro *Gathering blue (A Escolhida)*, da escritora norte-americana *Lois Lowry*, a linha

⁵ Rede Internacional de Mulheres com Deficiência.

imaginária que separa a ficção da realidade tornou possível estabelecer uma ressignificação em torno das relações sociais, de modo que as considerações adquirissem um imenso potencial transformador humano.

5. CONCLUSÕES

Qual, então, o verdadeiro papel da mulher na sociedade atual?

Evidentemente, esses papéis são vários: ora é ela dona de casa, esposa, mãe de família, ora enfrenta a chamada dupla jornada de trabalho, é a profissional, trabalhando no lar e fora dele, ora é a mulher que luta para ter uma participação efetiva na sociedade da qual é membro. Enfim, a mulher tem que desempenhar vários papéis e o importante é que ela não se veja, em todo esse cenário, somente como mulher, mas, antes de tudo, como ser humano e, dessa forma, procure fazer sempre alguma coisa que a complete, que a realize. (MAGALHÃES, 1980, p.123)

Por meio de uma linguagem simples e objetiva, o conto *The Girl Who Can*, da escritora ganesa *Ama Ata Aidoo* e o livro *Gathering blue* (A Escolhida), da escritora norte-americana *Lois Lowry*, ofertam ao leitor um novo viés de análise crítico-reflexiva quanto ao feminino à luz das conjunturas sociais e da construção literária.

Isso significa que tanto a leitura, o tempo, as relações sociais e o feminino merecem uma atenção especial diante do que estabelecem suas funções e valores, de modo que o leitor, cidadão do mundo, possa romper com o modo convencional de enxergar a vida.

GATHERING BLUE: LITERATURE, SOCIETY AND THE FEMININE

ABSTRACT

Throughout the centuries, women have been searching for their space, their identity, their protagonist affirmation for the consolidation of their skills and competences within society. This includes contemplating the relevant feminine role in literature and other forms of art and culture, insofar as languages mediate social relations, allowing human insertion in this or that social place. Thus, literature is increasingly re-signifying the representation of the feminine, even in the context of dystopian literature; so that necessary elements are established to understand the difficulties in which individuals - especially women - socially included or do not experience the challenges and obstacles imposed by the institutions. Through such possibilities of analysis and interpretation, this paper proposes to make a brief reflection between the story *The Girl Who Can* by the Ghanaian writer *Ama Ata Aidoo* and the book *Gathering Blue* by the American writer *Lois Lowry*, offering the reader a new analysis bias, which means to break it with the conventional way of looking at life and to pay special attention to the functions and values that exist between the lines. **Keywords:** literature; society; feminine; dystopia.

REFERÊNCIAS

AIDOO, C. A. A. The Girl Who Can. In: AIDOO, C. A. A. **The Girl Who Can:** and other stories. Portsmouth, NH: Heinemann, 2003. 160p.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v.19, n. 1, p.7-23, 1998.

BOTTINI, L. M.; BATISTA, R. L. O trabalho da mulher durante a Revolução Industrial Inglesa (1780 a 1850). **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE – Artigos**, Curitiba, PR, v.1, p.1-19, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafipa_hist_artigo_lucia_mamus_bottini.pdf>.

BRITO, D. S. de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, Praia Grande, a.4, n.8, Jun. 2010. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2018.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. de. Língua, Cultura e Identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v.4, n.1, p.24-34, jan./jul.2013.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2007. 678p.

GUERRA, C. de S. et al. Do sonho a realidade: vivência de mães de filhos com deficiência. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.24, n.2, p. 459-66, Abr.-Jun. 2015.

HILÁRIO, L. C. Teoria Crítica e Literatura: A Distopia como ferramenta de análise radical da Modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2013v18n2p201/25995>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

INTERNATIONAL NETWORK OF WOMEN WITH DISABILITIES (INWWD). **Violência contra Mulheres com deficiência** (Relatório). 2011. 13p. Disponível em: <http://www.social.mg.gov.br/conped/images/conferencias/violencia_mulheres_deficiencia.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2018.

LOWRY, L. **A Escolhida**. Tradução de Fabiano Morais. São Paulo: Arqueiro, 2014. 192p. (Título original: Gathering blue).

MAGALHÃES, T. A. L. de. O Papel da Mulher na Sociedade. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo/SP, v.75, p. 123-134, 1980. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66895/69505>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

MORAES, E. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em

quadros humorísticos de maitena. In: TASSO, I.; NAVARRO, P. (Org.) **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá: Eduem, 2012. p.259-285. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-12.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

MILLET, K. **Sexual politics**. Illinois: University Illinois Press, 2000.

SCHWANTS, C. Dilemas da representação feminina. **OP SIS** – Revista do NIESC – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos Culturais. Catalão/GO, v.6, p.7-19, 2006.

SILVA, M. M. P. et al. Gênero e a Inclusão de pessoas com deficiência no Ensino Regular: Um olhar nas matrículas. In: Semana da Educação - "Desafios atuais para a Educação", 16., 2015, Londrina. **Anais...** Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 2015, p.149-159.

SOUSA, D. P. de A.; DAS, D. L. F. Quando a mulher começou a falar: literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil. **Revista Gênero na Amazônia**, Belém, n.3, jan./jun., 2013. Disponível em: < <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo7-Dignamara%20e%20Daise.pdf>>.

SWAIN, T. N. Feminismo e recortes do tempo presente - mulheres em revistas “femininas”. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, n.3, 2001.

THE EDITORS OF ENCICLOPÆDIA BRITANNICA. **Ama Ata Aidoo** - Ghanaian Writer. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Ama-Ata-Aidoo>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

WANDSCHEER, L. **ONU contabiliza 57 milhões de homens a mais do que mulheres no mundo**. 20 out. 2010. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2010/10/20/onu-contabiliza-57-milhoes-de-homens-a-mais-do-que-mulheres-no-mundo.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

Recebido em 05 de outubro de 2019. Aprovado em 30 de novembro de 2019.

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado do Mato Grosso – Brasil – iniciada em 2011.